

# Projeto Mogno, um desafio para a pesquisa

Salviano Machado



A reserva Xikrin do Cateté é formada por duas aldeias com aproximadamente 800 índios, que vivem principalmente da agricultura

O projeto Mogno acaba de implementar, no campo, o subprojeto "Técnicas Silviculturais para Regenerar e Aumentar a Produção Volumétrica de Mogno em Floresta Natural", sob a coordenação do engenheiro florestal da Embrapa Amazônia Oriental João Olegário Carvalho. O objetivo é definir a melhor prática de manejo para a exploração do mogno nas terras dos índios Xikrin do Cateté. É a primeira experiência desse grupo de pesquisadores com indígenas.

Duas aldeias, com aproximadamente 800 índios, estão localizadas nas terras dos Xikrin do Cateté, no sudeste do Pará. A área foi escolhida como local das pesquisas por ser uma das poucas na região amazônica onde ainda se pode encontrar populações de mogno em características florestais originais ou com pouca interferência humana. "Estamos tendo uma experiência completamente nova por termos que incorporar na execução das atividades algo relacionado ao elemento indígena, sua cultura, seus costumes", diz João Olegário, que trabalha há 26 anos com pesquisa e manejo de floresta natural.

Uma negociação entre a Embrapa Amazônia Oriental e o Instituto Socioambiental (ISA), que

trabalha com os Xikrin há mais de dez anos, permitiu aos pesquisadores desenvolver suas pesquisas na área indígena. O acordo está formalizado através do Contrato de Cooperação Técnica e Financeira, assinado entre as duas instituições e a Associação Bep-Nói de Defesa dos Direitos do Povo Xikrin do Cateté, representada no documento por dois caciques.

Segundo João Olegário, no início das negociações a equipe de pesquisadores sabia que iria encontrar dificuldades, mas não imaginava que seriam tantas. "Um dos obstáculos é a cultura indígena. Os índios, sem entenderem muito os objetivos de uma pesquisa científica, sempre querem interferir na programação dos trabalhos. A outra diz respeito ao acesso à área. Para irmos de Belém à área do projeto podemos levar de um a três dias, dependendo do meio de transporte escolhido. Isso na época da seca. Durante a estação chuvosa, as estradas ficam intransitáveis, isolando a região", explica o pesquisador.

Os serviços de topografia na área de 1,25 mil hectares do projeto já foram concluídos. Agora estão sendo abertas as "picadas de inventário".

"Estamos preparando a área de pesquisa para a realização do censo, que vai registrar e medir todas as árvores do local com diâmetro igual ou superior a 45 cm", afirma Olegário. Os indivíduos jovens e a regeneração natural serão registrados através de amostragem.

Em 2003, após o inventário, será realizada a colheita de cerca de 20 espécies arbóreas de interesse econômico, além do mogno. Todas as atividades de exploração serão supervisionadas pelos engenheiros florestais do projeto. "Queremos garantir uma exploração que traga o menor impacto possível para a espécie e para a floresta", garante Olegário.

A área de pesquisa será monitorada continuamente até que os resultados desse trabalho permitam prever os ciclos de corte e, conseqüentemente, o sistema silvicultural para as florestas de mogno. Essa pesquisa pode durar até 25 anos.

Tratamentos silviculturais (desbaste e corte de cipós, entre outros) serão utilizados para estabelecer a regeneração natural e induzir o crescimento da floresta. Uma maior abertura do dossel vai permitir a chegada da luz ao chão e propiciar condições para que as sementes de mogno germinem e as plântulas se estabeleçam e cresçam.

O trabalho, uma nova experiência da Embrapa com

grupos indígenas, envolve a participação direta dos nativos das aldeias, que recebem treinamento através de cursos promovidos pela Fundação Floresta Tropical (FFT), nos quais eles aprendem as técnicas silviculturais.

As pesquisas estão mobilizando 35 técnicos, entre engenheiros florestais, economistas, agrônomos e assistentes de botânica. Outros parceiros que se somaram ao projeto foram a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD); o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), através do ProManejo; e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com a concessão de bolsas de estudo.

Iniciado há dois anos e reformulado recentemente, o projeto Mogno é formado por outros três subprojetos: o estudo da ecologia da regeneração natural, manejo integrado da *Hypsipyla grandella* (broca que ataca o broto terminal da planta) e métodos de propagação do mogno. A somatória dos quatro subprojetos tem como meta, explica Olegário, levar os pesquisadores a conhecer a ecologia e a dinâmica de crescimento da espécie, a estrutura de suas populações e as técnicas necessárias para viabilizar a exploração e diminuir os impactos negativos ao ambiente e à sociedade. "Há uma discussão de muitos

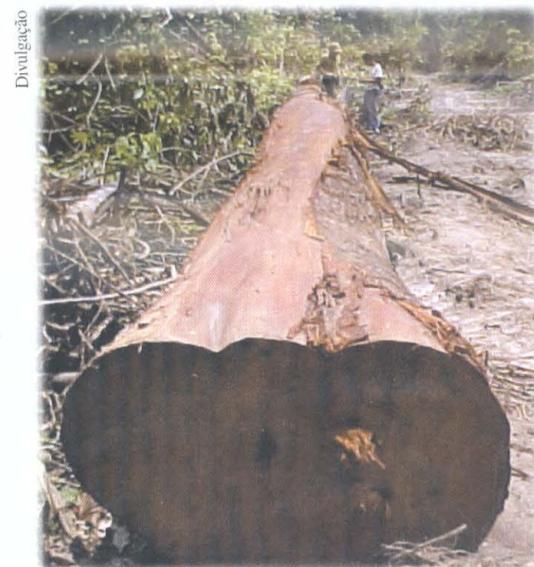
## Quem são os Xikrin

Os índios Xikrin do Cateté falam a língua Kaiapó e estão localizados no sudeste do Estado do Pará, entre a Serra de Carajás e a Serra da Seringa.

A principal atividade de subsistência dos Xikrin é a agricultura. Eles cultivam milho, macaxeira, banana e mamão.

Mas o principal produto agrícola cultivado é a mandioca, utilizada para a fabricação de grandes quantidades de farinha, atualmente o alimento básico da tribo.

Outras atividades desenvolvidas pelos índios são a caça, a pesca e a coleta de frutos.



Técnicos definem práticas de manejo de exploração do mogno

anos de que o mogno estaria sendo exterminado na Amazônia e, por isso, a sua exploração deveria ser proibida. Os estudos realizados até agora no subprojeto que trata da ecologia do mogno mostram, entretanto, que a espécie não está em extinção", afirma o

pesquisador, que completa "o que falta é entender a sua ecologia e definir as técnicas silviculturais adequadas para manejar corretamente as suas populações".

(Iran de Souza / Joseana Mesquita / Ana Tereza Leal)